UNIDADE 8

MAIS GÊNEROS LITERÁRIOS

8.1 OBJETIVO GERAL

Levar os estudantes a compreender como a variedade de gêneros literários é uma característica importante da coleção da biblioteca.

8.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Esperamos que, ao final desta Unidade, você seja capaz de:

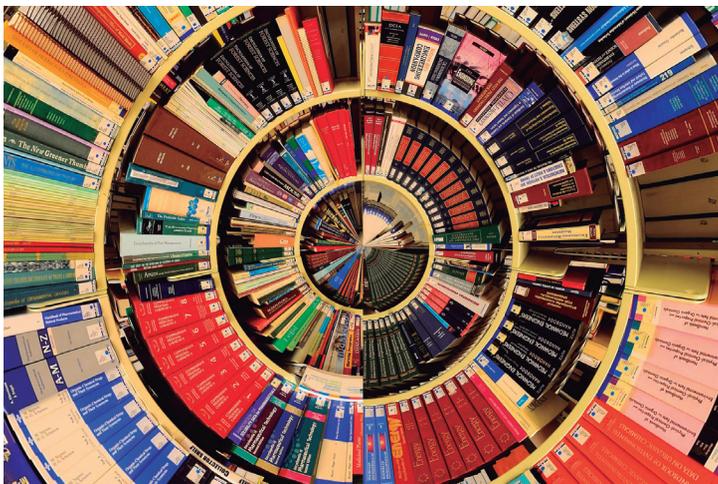
a) conhecer diferentes gêneros literários que podem compor a coleção da biblioteca, dentre eles: biografia, romance policial, ficção científica, histórias em quadrinhos e literatura de cordel;

b) conhecer as características e peculiaridades desses gêneros literários;

c) entender o uso que se faz desses gêneros;

d) compreender os jogos eletrônicos (*games*) como recurso de aprendizagem.

8.3 INTRODUÇÃO

Figura 8 – Biblioteca, eletrônica, e-livro

Fonte: *Pixabay*[44]

Vimos na unidade anterior alguns gêneros literários que comumente compõem coleções de diferentes tipos de bibliotecas. Nesta unidade, vamos abordar novos gêneros, a fim de ampliar o conhecimento do bibliotecário e lhe permitir formar e desenvolver coleções variadas e de qualidade. Lembramos que os gêneros são formações discursivas que surgem para responder a necessidades e atividades socioculturais, estando seu aparecimento também relacionado com inovações tecnológicas. Assim, da mesma forma que houve aumento da quantidade de gêneros após a invenção da imprensa, com o advento das tecnologias digitais ocorre o mesmo fenômeno. Isso significa que novos gêneros podem continuar a surgir, devendo o bibliotecário estar atento para o aparecimento de gêneros que possam ser importantes no contexto das práticas biblioteconômicas.

8.4 GÊNEROS NA BIBLIOTECA

8.4.1 Biografia

Em 2007, a proibição da venda do livro *Roberto Carlos em detalhes*, do historiador *Paulo Cesar de Araújo,* levantou polêmica em torno do gênero biografia que dividiu, de um lado, editores e escritores, e de

[44] GERALT. **biblioteca-eletrônica-ebook-e-livro-1666702**. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/biblioteca-eletrônica-ebook-e-livro-1666702/>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

outro, "famosos e famosas". A proibição foi revogada em 2015, por decisão do Supremo Tribunal Federal, que liberou a publicação de biografias não autorizadas. Na ocasião, o escritor *Ruy Castro* comentou: **"**É a conquista da maioridade, não? Finalmente ganhamos o direito de escrever a História sem pedir licença aos personagens. Os americanos já têm isso desde 1776"[45].

Multimídia

Veja uma síntese da decisão do *Superior Tribunal Federal* (STF) em:

<https://oglobo.globo.com/cultura/stf-vota-pelo-fim-da-autorizacao-previa-de-biografias-16403981>.[46]

A polêmica sobre a questão continua na esteira do *Projeto de Lei 393/2011*, que "visa a garantir a divulgação de imagens e informações biográficas sobre pessoas de notoriedade pública, cuja trajetória pessoal tenha dimensão pública ou cuja vida esteja inserida em acontecimentos de interesse da coletividade". O projeto foi aprovado pela *Câmara dos Deputados* e aguarda aprovação pelo *Senado Federal*.

Polêmicas a parte, o fato é que as biografias têm tido vendagens crescentes nos últimos anos. A biografia de *Steve Jobs*, por exemplo, bateu recordes de venda nos Estados Unidos, antes mesmo de ser publicada, e a do bispo *Edir Macedo*, *Nada a perder*, também teve grande sucesso de venda.

Este resgate de trajetórias singulares constitui um movimento de âmbito internacional, que aproxima áreas como história, literatura e jornalismo, cada uma retratando o biografado de sua perspectiva própria. No âmbito histórico, a biografia é vista como a recuperação dos sujeitos individuais na História, constituindo uma micro-história. É uma reação às práticas predominantes de historiadores, que se preocupavam em estudar as estruturas e relações que afetam a vida política e econômica da sociedade sem vinculá-las às percepções e intenções dos indivíduos. O livro *O queijo e os vermes*, que conta a vida de *Menocchio*, um moleiro herege que viveu no Século XVI, escrita pelo historiador italiano *Carlo Ginzburg*, exemplifica bem essa tendência de recuperar histórias individuais e de retratar pessoas comuns.

No âmbito do jornalismo, a biografia se insere no chamado *jornalismo literário*, que se afasta da tradicional fórmula jornalística – dar a notícia da forma mais objetiva possível – para se aproximar da literatura, realizando narrativas mais densas e analíticas, contextualizando e aprofundando os fatos. Exemplos são as biografias de *Stefan Zweig* (*Morte no paraíso*), do

---

[45] EDITORES e escritores celebram decisão do STF que libera biografias não autorizadas. [S. l.] **O Globo**, 10 jun. 2015. Disponível em: https://oglobo.globo.com/cultura/editores-escritores-celebram-decisao-do-stf-que-libera-biografias-nao-autorizadas-16406414. Acesso 07 jul. 2017.

[46] BRÍGIDO, C.; BRESCIANI, E. STF vota pelo fim da autorização prévia de biografias. **O Globo**, 10 jun. 2015. Disponível em: <https://oglobo.globo.com/cultura/stf-vota-pelo-fim-da-autorizacao-previa-de-biografias-16403981>. Acesso em: 11 de outubro de 2017.

jornalista *Alberto Dines* e a de *Assis Chateaubriand* (*Chatô: o rei do Brasil*) do jornalista *Fernando de Morais*.

O fato é que historiadores e jornalistas, ao produzirem biografias, mesmo usando metodologias específicas de suas áreas, acabam se aproximando da literatura, incorporando elementos ficcionais e adotando estilos e técnicas narrativas próprias da escrita literária.

Da mesma forma que o mercado de biografias para adultos se ampliou, também a produção desse gênero para crianças teve um aumento significativo. Atualmente diversas editoras publicam uma variedade de biografias para crianças e jovens, de autores brasileiros ou traduzidas, em diferentes formatos. Exemplos são a coleção *Meu nome é...,* da *Livraria da Folha*; *Coleção Filosofinhos,* da *Tomo Editorial,* e a coleção *Crianças Famosas,* da *Editora Callis*.

Ao compreender a biografia como um gênero textual, o bibliotecário estará em condições de formar uma boa coleção e de orientar seus usuários na leitura deste material.

8.4.2 Romance policial

O romance policial – incluindo-se nessa terminologia também o conto – é um gênero nem sempre bem aceito pela crítica literária tradicional, e tem sido considerado parte da literatura de massa. O grande mercado de livros policiais continua crescendo em variedade de títulos, que são oferecidos por diferentes editoras e que estão presentes com frequência nas listas de mais vendidos, além de encontrarem caminho fácil para adaptações cinematográficas.

A atração que a narrativa policial exerce sobre leitores de faixas etárias as mais diversas aquece o mercado, e a oferta desse gênero torna-se cada vez mais ampla, revelando autores que conseguem colocar a literatura policial em nível de qualidade literária inconteste. O livro de *Umberto Eco*, *O nome da rosa*, que alia erudição a uma trama reconhecidamente policial, é um exemplo de que o gênero é visto como mais do que leitura de lazer. Também é exemplo dessa tendência a obra do escritor brasileiro *Luiz Alfredo Garcia-Roza,* que mescla entretenimento e qualidade literária.

O romance policial tem em *Edgar Allan Poe* o seu precursor. Seu livro, *Os assassinatos da Rua Morgue*, publicado em 1841, apresenta as características que posteriormente, durante muitos anos, marcaram a narrativa policial tradicional: a tríade:criminoso, detetive e vítima, a investigação que vai resolver o enigma, um ato criminoso de autoria desconhecida que, desvendado, leva a uma espécie de catarse.

Do ponto de vista do leitor, esse gênero costuma criar um sentimento de medo, originado pela estranheza do crime, pela identidade secreta do criminoso e pela expectativa na sua solução. Essa é a fórmula da literatura policial considerada tradicional, representada por autores como *Arthur Conan Doyle, Agatha Christie, Dashiel Hammett, Georges Simenon, Raymond Chandler***,** entre muitos outros.

Figura 9 – Estátua, em Londres, de Sherlock Holmes: o famoso personagem criado por *Arthur Conan Doyle*

Fonte: *Pixabay*[47]

Esse padrão, entretanto, já não se aplica aos romances policiais contemporâneos. Segundo os pesquisadores *Fernanda Massi* e *Álvaro Cortina*, que estudaram os 19 romances policiais mais vendidos no Brasil de 2000 a 2007, alguma coisa mudou na estrutura narrativa desse gênero, no qual:

> [...] o crime não é o estopim do enredo e o fazer do detetive não se centra apenas na descoberta da identidade do criminoso. Muitas vezes, o crime serve de impulso para que haja outro desenlace na narrativa a ser descoberto pelo detetive, por exemplo, uma viagem, um código secreto, um segredo religioso, etc. Dessa forma, o fazer do detetive não se centra apenas na descoberta da identidade do criminoso, mas também nas consequências da morte da vítima. (MASSI; CORTINA, p. 524).

A conclusão do referido estudo é que os romances policiais contemporâneos apresentam uma nova configuração narrativa que os distancia dos tradicionais, embora não constituindo um novo gênero.[48]

A transformação do romance policial reforça o fenômeno do hibridismo na literatura e mostra a inutilidade de se esboçar tipologias rígidas para qualquer tipo de manifestação artística. Pesquisadores e mediadores buscam atualmente conhecer o uso que se faz desses materiais. Mas, alguns autores identificam subgêneros do romance policial representados

[47] SYMVOL. **londres-sherlock-holmes-244261**. Disponível em: <https://pixabay.com/pt/londres-sherlock-holmes-244261/>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

[48] Leia o estudo completo: MASSI, F.; CORTINA, A. A constituição narrativa dos romances policiais mais vendidos no Brasil no século XXI: canônica ou inovadora? **Estudos Linguísticos**, São Paulo, v. 38, n. 3, p. 521-530, set./dez. 2009. Disponível em: <http://www.gel.org.br/estudoslinguisticos/volumes/38/EL_V38N3_41.pdf>. Acesso em: 4 de janeiro de 2017.

pelo *roman noir*, o *thriller*, o romance psicológico e o de suspense, e é importante que o mediador conheça essas particularidades que podem atrair o gosto de determinados leitores.

Multimídia

Assista à palestra *O romance policial,* de *Luiz Alfredo Garcia-Roza*, conhecido autor brasileiro de romances policiais:

<https://www.youtube.com/watch?v=AiyrA-zWVos>.[49]

A palestra em vídeo faz parte do *Ciclo de Conferências Vertentes da Literatura Brasileira*, da *Academia Brasileira de Letras*.

8.4.3 Ficção científica

Naves espaciais, seres extraterrestres, robôs, supercomputadores, planetas longínquos, viagens no tempo e a lugares exóticos ou inexplorados constituem temáticas da literatura de ficção científica, um gênero que teve seu início no século XIX, no bojo da Revolução Industrial, na Inglaterra. Nessa época, o desenvolvimento técnico e científico apontava para a ideia do futuro como produto das mudanças realizadas no presente e já se percebia uma preocupação com os caminhos trilhados pelo progresso científico. A literatura começava a incorporar essas preocupações e a refletir sobre as consequências – desejáveis e indesejáveis – desse progresso, realizando indagações fundamentais sobre a vida, dando voz aos medos e esperanças gerados pelas descobertas científicas. O termo ficção científica surgiu mais tarde, em 1929, e o gênero ganhou popularidade com as histórias de *Júlio Verne, H. G. Wells* e outros.

Classificada como produto da cultura de massa, considerada pela crítica convencional como subliteratura, no seu início a ficção científica não mereceu a atenção de estudiosos acadêmicos, apesar de sua grande popularidade. Entretanto, as recentes experiências e descobertas científicas, principalmente no campo da biogenética, têm provocado discussões éticas no mundo todo, e exacerba a necessidade de se debater a posição e a atuação da sociedade nos diferentes aspectos que emergem dessas descobertas. Assim, a ficção científica ajuda a refletir sobre dilemas de um mundo onde a ciência tanto pode resolver problemas, quanto criar outros mais complexos.

A presença da ficção científica na escola está geralmente relacionada às possibilidades trazidas pelo gênero para o ensino de ciências. Nesse sentido, vista como recurso didático com potencial lúdico e atrativo, serviria para introduzir conceitos de ciência em sala de unidade. As obras a serem utilizadas nessas situações deveriam apresentar precisão e correção científicas.

[49] 1º CICLO | VERTENTES DA literatura brasileira: o romance policial. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (1h 1min). Publicado pelo canal Academia Brasileira de Letras. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AiyrA-zWVos. Acesso em: 15 mar. 2017.

Entretanto, há estudiosos que defendem uma apropriação diferente da ficção científica no ensino de ciências, que explore também, e principalmente, os elementos ficcionais ali presentes. Mais do que a expressão da racionalidade, da lógica das conclusões e do estabelecimento de relações causais – que se encontra em textos científicos não literários – a ficção científica opera numa zona fronteiriça entre racionalidade e sentimentos. Esses sentimentos expressam espanto, angústias, dúvidas, preocupações, perplexidade e possibilitam um envolvimento afetivo e um estranhamento cognitivo que podem, ao serem trabalhados pelo professor, levar os estudantes a refletir de maneira crítica sobre as implicações da ciência na sociedade. Assim, a ficção científica, mais do que um recurso didático para o ensino de Ciências, se constituiria em um meio de problematizar e debater posições e ideias sobre a ciência.

Multimídia

Assista também à palestra *A ficção científica e o espaço selvagem*, do escritor *Bráulio Tavares:* <https://www.youtube.com/watch?v=_iSNTho6H6s>.[50]

A palestra em vídeo faz parte do *Ciclo de Conferências Vertentes da Literatura Brasileira*, da Academia Brasileira de Letras.

8.4.4 Histórias em quadrinhos

As histórias em quadrinhos, consideradas um gênero da cultura de massa, são designadas pela abreviatura HQs, e são também chamadas de *gibis* ou simplesmente *quadrinhos*. Em Portugal, são denominadas de *bandas desenhadas*, na tradução do francês *bandes dessinées,* e em inglês o termo geral é *comics*. Pode-se definir os quadrinhos como uma narração feita por meio de imagens dispostas em uma sequência, constituída por dois signos gráficos: a imagem e a escrita.

Vários termos estão associados aos quadrinhos: tiras ou tirinhas, charges, cartuns, caricaturas, o que torna impossível uma classificação rigorosa do gênero. O pesquisador *Paulo Ramos* considera que o quadrinho seja um hipergênero, que abriga diferentes gêneros autônomos, unidos por elementos comuns.

Independentemente da diversidade de terminologias e formatos, o importante para o bibliotecário é entender a função educativa dos quadrinhos, já que há algum tempo este é um gênero bem aceito no meio educacional e muitas bibliotecas o incluem nos seus acervos, formando as chamadas gibitecas.

A introdução das histórias em quadrinhos na educação aconteceu inicialmente pela via de livros didáticos que as usavam para ilustrar textos. A partir

[50] 1º CICLO | VERTENTES DA literatura brasileira: a ficção científi ca e o espaço selvagem. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (1h 9min). Publicado pelo canal Academia Brasileira de Letras. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=_iSNTho6H6s. Acesso em: 09 jan. 2017.

daí, professores começaram a perceber os benefícios de se usar esse gênero como apoio pedagógico, principalmente por ele estar presente no cotidiano de muitos dos alunos e por ser um gênero que atrai pelo visual e pela linguagem. Há manuais que podem auxiliar os mediadores, como por exemplo:

a) RAMA, Â.; VERGUEIRO,W. (org.). **Como usar as histórias em quadrinhos na sala de unidade.** São Paulo: Contexto, 2010;

b) RAMOS, P.; VERGUEIRO, W. (org.). **Quadrinhos na educação:** da rejeição à prática. São Paulo: Contexto, 2009.

Entretanto, os mediadores precisam entender os quadrinhos de forma crítica, mais do que apenas como um meio de entretenimento: eles constituem artefatos culturais cujas narrativas veiculam valores, ideias, crenças e costumes que devem ser analisados e problematizados no processo pedagógico.

O vasto mercado de histórias em quadrinhos no Brasil e sua aceitação pela escola têm levado pesquisadores a realizar estudos para compreender melhor esse gênero. Por outro lado, há poucos estudos acadêmicos que buscam compreender como os leitores se apropriam, interpretam e recriam os conteúdos destas histórias, e a partir daí constituem suas próprias culturas. Assim, são necessários estudos que investiguem o que esse gênero significa para diferentes categorias de leitores, e que possam embasar uma prática pedagógica adequada.

Multimídia

Para entender o universo dos quadrinhos, veja a reportagem *Quadrinhos: a nona arte*, no programa *Os caminhos da reportagem*, da TV Brasil, que discute se os quadrinhos são entretenimento, literatura ou arte, tudo isso ou um pouco de cada?

Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=olbkFxXATAg>.[51]

Veja também o documentário *Projeto HQ!*, que mostra um panorama dos quadrinhos no Brasil, apresentando a visão de especialistas e quadrinistas. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=vZBVLLLPQUM>.[52]

8.4.5 Literatura de cordel

A literatura de cordel é um gênero literário poético, de origem popular, com rimas no formato de sextilhas, publicada em pequenas brochuras ou folhetos.

Essa denominação se deve ao costume de se colocarem os livretos para venda pendurados em cordas estendidas, em feiras e lugares pú-

[51] CAMINHOS DA reportagem | quadrinhos: a nona arte. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (52 min). Publicado pelo canal Tv Brasil. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=olbkFxXATAg. Acesso em 11 jan. 2017.

[52] PROJETO HQ – documentário. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (28 min). Publicado pelo canal Projeto HQ. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=vZBVLLLPQUM. Acesso em 11 jan. 2017.

blicos, prática usada na Península Ibérica, de onde se originaram. Foram trazidos para o Brasil por colonizadores europeus no final do século XIX. O Nordeste foi a porta de entrada do cordel no Brasil e até hoje o gênero é associado a essa região, que abriga os mais conhecidos cordelistas e editoras especializadas. Mas o cordel encontra espaço em outras regiões, estando a *Academia Brasileira de Literatura de Cordel* (*www.ablc.com.br/*) sediada no Rio de Janeiro.

Figura 10 – Folhetos de cordel estendidos em cordas

Fonte: *Wikimedia Commons*[53]

O suporte do cordel é o chamado "folheto" que, tradicionalmente, era feito com papel de qualidade inferior e com capa ilustrada, geralmente com a técnica da xilogravura. Até hoje, embora técnicas modernas sejam usadas na impressão dos cordéis, ele é associado a esse tipo de ilustração.

As narrativas abordam temas variados: amores, muitas vezes contrariados; enfrentamentos entre poderosos e valentes, que narram disputas e atos de heroísmo; acontecimentos da vida cotidiana; situações humorísticas; fatos históricos e jornalísticos, estes interpretados segundo os valores compartilhados pelo seu público, sem muito compromisso com a veracidade.

Multimídia

O cordel tem uma forte relação com a oralidade, já que a forma dos versos favorece a leitura ou declamação em voz alta. Veja, por exemplo, o vídeo *Patativa do Assaré – Ave Poesia*, de *Kaio Anderson*, de 5 set. 2013, que apresenta o mais conhecido poeta cordelista do Brasil declamando alguns de seus poemas:

<https://www.youtube.com/watch?v=8d7NgjrE8Lw>.[54]

[53] DACAL, Diego. **Impressos de literatura de cordel à venda no Rio de Janeiro**. Disponível em: <https://commons.wikimedia.org/wiki/File:Literatura_de_cordel.jpg>. Acesso em: 25 de outubro de 2018.

[54] PATATIVA DO Assaré – ave poesia. [S. l.: s. n.], 2013. 1 vídeo (1h 23 min). Publicado pelo canal Kaio Anderson. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=8d7NgjrE8Lw. Acesso em: 09 jan. 2017.

Autores de folhetos de cordel, muitas vezes, usam obras da literatura erudita nacional e internacional, e recontam em versos essas histórias. Assim, há versões em cordel de *A escrava Isaura*, de *Bernardo Guimarães*, de diversos livros de *José de Alencar*, de *Romeu e Julieta*, de *Shakespeare*, de *A dama das camélias*, de *Alexandre Dumas*, entre outros. Nesse processo de adaptação, a narrativa é bastante alterada, reduzindo-se o número de personagens, condensando-se as descrições, aproximando o texto das características do gênero e do gosto do leitor. Nesse sentido, pode haver mudanças drásticas, como por exemplo na versão em cordel de *O corcunda de Notre Dame*, que dá um final feliz para o desfecho dramático da história original.

O cordel é reconhecido como uma das manifestações mais genuínas da literatura popular e como tal tem sido objeto de estudo de investigações acadêmicas, havendo inúmeras pesquisas que buscam entender o cordel em seus diferentes aspectos. Assim, tem havido esforço em estudar as possibilidades do cordel na escola, como recurso em atividades de leitura e no ensino de diferentes disciplinas, além de um meio de comunicação popular.

Nas atividades de leitura, o cordel, devido ao seu caráter de poesia rimada e de fácil entendimento, é visto como recurso que possibilita despertar o interesse de usuários pouco afeitos à leitura. No trabalho com gêneros textuais, constitui material interessante para mostrar a individualidade da língua, bem como as variedades linguísticas encontradas especificamente no Nordeste brasileiro.

Multimídia

A biblioteca da Fundação Casa de Rui Barbosa abriga uma coleção de cerca de 9.000 folhetos de cordel, dos quais cerca de 2.340 estão disponíveis em versão digital. A identificação dos folhetos pode ser feita online, com a ajuda do Vocabulário de cordel, tesauro também disponível online no site da Biblioteca[55].

Além dessa abordagem literária, o texto de cordel também pode servir de base para debates sobre as diversidades sociais, políticas e econômicas do país, permitindo o conhecimento de realidades díspares. Nesse sentido, é uma opção para unidades de História. Os textos de cordel, principalmente os chamados "folhetos de acontecido", aqueles que tratam de informar sobre os últimos acontecimentos, ou o cotidiano da História, podem complementar o livro didático, já que costumam dar representações diversas daquelas ali contidas, propiciando debates mais enriquecedores.

Como recurso didático, considera-se que o cordel, devido à linguagem em forma de versos rimados, possibilita a apreensão de conteúdos de forma mais fácil do que um texto em prosa. Exemplo desse uso é a experiência feita em um curso de ensino de Cartografia para professores de educação básica, no Maranhão, no qual versos de cordel foram usa-

[55] FUNDAÇÃO Casa de Rui Barbosa. **Coleção de cordel**. Disponível em: <http://www.casaruibarbosa.gov.br/interna.php?ID_S=320&ID_M=1090>. Acesso em: 27 out. 2018.

dos para possibilitar melhor compreensão de conteúdos geográficos. A estratégia levou em consideração as experiências e práticas sociais dos participantes, tirando proveito dos significados que os grupos sociais dão ao seu cotidiano.

O cordel pode ser visto também como um meio de comunicação popular, ao lado de gêneros textuais como cartilhas, jornais comunitários e boletins informativos. Nesse sentido, ele pode fazer parte de estratégias de comunicação de movimentos e organizações populares, inserido em atos de mobilização. Campanhas de esclarecimento que buscam incorporar o lúdico, a cultura e o divertimento, podem se valer de textos de cordel para fornecer informações e criar práticas como prevenção de doenças, por exemplo. Um estudo feito por pesquisadoras da *Universidade Federal do Ceará* analisou três folhetos de cordel selecionados por tratarem exclusivamente a temática HIV/AIDS e averiguou se o conteúdo contemplava informações básicas acerca da doença, se continham erros que comprometessem a correção científica das informações e, finalmente, se o conteúdo estava sendo transmitido de forma compreensível à população. Os resultados mostraram que o conteúdo desses folhetos era satisfatório do ponto de vista científico e que a linguagem era compreensível. Assim, os três documentos analisados revelaram-se capazes de, na opinião das pesquisadoras, produzirem no imaginário dos indivíduos um alerta favorável à inserção de medidas de prevenção e controle da Síndrome da Imunodeficiência Adquirida. A conclusão foi que o cordel pode constituir uma ferramenta de comunicação para promoção da saúde para todas as idades.

Multimídia

Há dezenas de vídeos sobre literatura de cordel na *internet*, o que atesta o interesse sobre o gênero. Selecionamos quatro deles, que podem ajudá-lo a compreender o cordel, tanto na sua forma escrita como oral:

a) *Literatura de cordel*, do programa *Globo Rural*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ>.[56];

b) *Literatura de cordel: poesia popular, arte de raiz*, do programa *Vivíssima*. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=4mXNDcBGG5E>.;

c) *Literatura de Cordel*, do programa Iluminuras da TV Justiça. Disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=P-KMe1iLvuw>.[57];

d) *O que é cordel?*, do programa *Momento Cultural* da *TV Assembleia*. Disponível em:<https://www.youtube.com/watch?v=AbjQgBLLmqw>.[58]

[56] LITERATURA DE cordel Globo Rural. [S. l.: s. n.], 2011. 1 vídeo (44 min). Publicado pelo canal Junior Telmo. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=7DosjK6GSUQ. Acesso em 09 jan. 2017.

[57] IlUMINURAS – literatura de cordel. [S. l.: s. n.], 23 mar. 2014. 1 vídeo (25 min). Publicado pelo canal Tv Justiça. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=P-KMe1iLvuw. Acesso em 9 jan. 2017.

[58] O QUE é cordel. [S. l.: s. n.], 2015. 1 vídeo (17 min). Publicado pelo canal Momento Cultural. Disponível em: https://www.youtube.com/watch?v=AbjQgBLLmqw. Acesso em 09 jan. 2017.

Vimos uma variedade de gêneros textuais que surgiram em diferentes contextos e circunstâncias. Na atualidade, estamos vivendo um momento peculiar de criação de novos gêneros literários. As mídias digitais têm contribuído para isso e continuamente surgem gêneros que levam as pessoas a se envolverem em novas modalidades de letramento. Os jovens, principalmente, se sentem atraídos por gêneros tais como sagas distópicas, sagas fantásticas, *fanfictions*, mangás etc.

O artigo de *Fabiane Verardi Burlamaque* e *Pedro Afonso Barth* mostra as características de uma saga fantástica, *As crônicas de gelo e fogo*, e como a leitura desse gênero pode ser experimentada. Estou recomendando![59]

8.4.6 Atividade

Relacione os gêneros textuais a seguir com suas respectivas caracterizações:

(1) Ficção científica

(2) Literatura de cordel

(3) Romance policial

(4) História em quadrinhos

(5) Biografia

( ) Caracteriza-se pelo emprego de dois signos gráficos: a imagem e a escrita.

( ) Gênero poético escrito, normalmente, em estrofes de seis versos. Seu suporte e sua identidade visual são bastante característicos. Possui estreita relação com a oralidade.

( ) Esse gênero se caracteriza, tradicionalmente, pela investigação e solução de um crime, mas, contemporaneamente, tem apresentado novas estruturas narrativas, de modo que alguns pesquisadores já o segmentam em subgêneros.

( ) Tem como tema central questões relacionadas ao avanço da ciência e seus desdobramentos, muitas vezes desencadeando numa realidade distópica.

( ) Exerce um importante papel no registro histórico, opondo-se à tradicional abordagem dos historiadores, que tendem a valorizar os movimentos políticos e econômicos de forma abrangente em detrimento da perspectiva e trajetória particular dos indivíduos.

Resposta comentada

4 – 2 – 3 – 1 – 5

[59] BURLAMAQUE, F. V.; BARTH, P. A. Experiências literárias com sagas fantásticas: *As crônicas de gelo e fogo* e a criação de um novo universo. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, Niterói, v. 18, n. 29, 2016. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/409>. Acesso em: 31 de maio de 2018.

8.5 JOGOS ELETRÔNICOS

Os jogos eletrônicos, também conhecidos como jogos digitais, videojogos, *videogames* ou simplesmente *games* não são considerados gêneros, mas suportes para ações complexas que envolvem vários gêneros. Combinam diferentes linguagens (imagens, sons e textos), favorecendo variados letramentos. Os jogos podem desenvolver as capacidades de sistematizar e avaliar informações, de definir estratégias para alcançar objetivos de longo ou de curto prazo, e de tomar decisões, entre outras.

Atenção

A relação desses jogos com a aprendizagem tem sido objeto de estudos de pesquisadores desde a década de 1980 e é nesse sentido – como fonte de informação que pode ajudar as pessoas a desenvolverem diferentes capacidades – que os *games* serão estudados nesta unidade.

A área de conhecimento denominada *digital game-based learning* (aprendizagem baseada em jogos digitais) busca, entre outros aspectos, compreender fatores que possam aperfeiçoar as possibilidades dos *games* como recurso de aprendizagem.

Os jogos eletrônicos devem ser entendidos no âmbito do conceito de jogo em geral. Na sua concepção tradicional, desde o século XVIII, o jogo tem sido considerado como recurso de aprendizagem, principalmente para crianças pequenas, e diversos autores que se debruçaram sobre a questão identificaram certas características no jogo, a saber: o prazer, o caráter de brincadeira, a liberdade, a separação dos fenômenos do cotidiano, as regras, o caráter fictício ou representativo e sua limitação no tempo e no espaço, ampliando o entendimento de suas possibilidades pedagógicas.

Essas características estão presentes em jogos eletrônicos, mas há diferenças marcantes no panorama dos *games*. Em primeiro lugar, as oportunidades e escolhas para o ato de jogar aumentaram, tanto em termos de quantidade de jogos disponíveis quanto da forma e dos espaços de jogar. Locais públicos como praças, parques, calçadas e ruas foram substituídos pelo ciberespaço, levando à globalização do ato de jogar, isto é, pessoas de diferentes regiões do mundo podem interagir por meio do jogo.

Os jogos eletrônicos integram vários tipos de mídia e manifestações artísticas como cinema, quadrinhos, música, possibilitando diferentes formas de interação.

Embora os jogos em geral estejam mais associados à atividade infantil, no que diz respeito aos jogos eletrônicos, a tendência é que eles atraiam mais adultos, em função da oferta, cada vez maior, de produtos adequa-

dos aos mais velhos, criando uma permanência no ato de jogar, sustentando o hábito ao longo da vida.

Curiosidade

Por meio da Portaria nº 116/2011 do Ministério da Cultura, os jogos eletrônicos foram incluídos, no segmento de audiovisual, como manifestação cultural passível de ser produzida com apoio da Lei de Incentivo à Cultura, conhecida popularmente como *Lei Rouanet*. Por outro lado, eles não foram incluídos no *Vale Cultura*, benefício criado pela Lei 1.2761/2012, que concede R$ 50,00 mensais, pagos pelo empregador para trabalhadores que recebem até cinco salários mínimos, possibilitando-lhes ter acesso a bens e serviços culturais. A declaração da então Ministra da Cultura, Marta Suplicy, de que: "Nas prioridades que o *Vale Cultura* quer incentivar no consumo cultural, nesse momento, o game não se insere", causou polêmica entre os desenvolvedores de jogos eletrônicos.

8.5.1 Atividade

Embora se saiba que qualquer jogo eletrônico possa desenvolver certas capacidades cognitivas, o interesse de educadores se volta especificamente para os *games* educativos, os chamados jogos "sérios", próprios para serem usados em atividades didáticas. Nesta atividade, você vai conhecer a produção de *games* educativos no Brasil, identificando *sites* que apresentam esses recursos.

Elabore uma lista de *sites*, criando um quadro que indique o nome, a instituição responsável e o endereço deste. Navegue nos *sites* para conhecer o universo dos *games* e a variedade de ofertas.

Resposta comentada

Para realizar sua busca, utilize termos tais como "jogos educativos digitais", "jogos educativos eletrônicos", "*games* educativos" e outros indicados no decorrer da busca. Verifique as credenciais das instituições e dos autores, a fim de garantir a inclusão de *sites* confiáveis. Por exemplo, veja a seguir um quadro com *sites* que são de responsabilidade de órgãos públicos, como o MEC (Ministério da Educação) e a FAPESP (Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo), e de uma universidade (Universidade de Caxias do Sul).

Nome do site	Instituição	URL
Portal do Professor/ Jogos educativos	MEC	http:// portaldoprofessor. mec.gov.br/link. html?categoria=258
Ludo Educativo/Jogos	Aptor Games/ FAPESP/Instituto Nacional de Ciência e Tecnologia dos Materiais em Nanotecnologia (INCTMN)	http://www. ludoeducativo.com. br/pt/games
Núcleo de Apoio em Tecnologias da Informação	Universidade de Caxias do Sul	https://www.ucs. br/portais/nate/ documentos/14714/

8.6 CONCLUSÃO

Sabe-se que um leitor se forma ao longo de uma trajetória que envolve experiências de leitura que ocorrem muitas vezes em interações sociais, mas em alguns momentos a leitura constitui atividade solitária, que propicia um maior envolvimento do leitor com o texto e permite uma crescente introspecção. Sabe-se também que a leitura tem significados diversos para cada leitor. Assim, o bibliotecário precisa se preparar para criar interações positivas que propiciem para cada usuário tanto o acesso quanto a apropriação do universo da escrita. Para tanto, deve oferecer uma coleção variada e de qualidade e atividades de leitura que atendam às diferentes necessidades dos usuários. O conhecimento de diversos gêneros literários é essencial para que o bibliotecário desenvolva a prática consciente e embasada que lhe permita de fato influenciar a formação de leitores competentes.

RESUMO

Nesta unidade, continuamos o estudo de outros gêneros literários (biografia, romance policial, ficção científica, histórias em quadrinhos, literatura de cordel e jogos eletrônicos) e avançamos no entendimento de que o bibliotecário precisa conhecer o universo literário, preparando-se para uma prática crítica e embasada.

Semestre 2

INFORMAÇÕES SOBRE A PRÓXIMA UNIDADE

Na próxima unidade vamos estudar um gênero literário de grande importância na formação do leitor: a literatura infantil e juvenil.